



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA/PB
CAMPUS UNIVERSITÁRIO OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O Ensino de História no ERE: Reflexões a Partir de uma Experiência

Vanielly Pereira de Oliveira Castro

Guarabira/2024

Vanielly Pereira de Oliveira Castro

O Ensino de História no ERE: Reflexões a Partir de uma Experiência

Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Dr. Luciana Calissi

Guarabira – 2024

VANIELLY PEREIRA DE OLIVEIRA CASTRO

O ENSINO DE HISTÓRIA NO ERE: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA
EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em História.

Área de Concentração: História, Ensino e
Currículo

Aprovada em: 21/11/2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LUCIANA CALISSI
Data: 23/11/2024 08:43:06-0300
Verifique em <https://validar.itu.gov.br>

Profª. Drª. Luciana Calissi (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edna maria Nóbrega Araújo

Profª. Drª. Edna Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
JOAO BATISTA GONCALVES BUENO
Data: 26/11/2024 20:59:48-0300
Verifique em <https://validar.itu.gov.br>

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Universidade Estadual da Paraíba (U

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C355e Castro, Vanielly Pereira de Oliveira.
O ensino de história no ERE [manuscrito] : reflexões a partir de uma experiência / Vanielly Pereira de Oliveira castro. - 2024.
28 f. : il. color.

Digitado.
Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Luciana Calissi, Departamento de História - CH".
1. Ensino Remoto Emergencial - ERE. 2. Ensino de história.
3. Estágio supervisionado. I. Título

21. ed. CDD 372.891

DEDICO este trabalho a DEUS, a minha Família, a minha Pequena Estrelinha, a minha pequena Anna Liz e a Todos que contribuíram para o alcance desta conquista.

Agradecimentos

A Deus toda Honra, toda Glória e todo o Louvor!

Agradecer ao meu bom Deus, que me ajudou a chegar até aqui, com toda certeza não estaria aqui se não fosse Ele.

Agradeço ao meu esposo Maxwell, por toda ajuda ao longo dessa trajetória para concluir este trabalho, e estendo os agradecimentos a minha mãe Vaniclé, por sempre me incentivar a concluir essa etapa, a minha vó Fatima por ter ficado dias me esperando chegar em casa até altas horas da noite.

Agradeço aos amigos, meu grupinho Piquenique que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo que me dediquei a este trabalho. Aqui quero referir também aos meus colegas/amigos que a UEPB me deu durante meu trajeto, cito aqui Eduardo, Isabela e Danny para representar aos demais.

Agradeço aos meus queridos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram oferecer um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Estarão sempre em minha memória.

Agradeço aqui, a minha querida Orientadora Dr. Luciana, por todo incentivo, por ter aceitado me orientar neste percurso. Meus sinceros agradecimentos por ter me auxiliado e pela paciência.

Por fim, agradeço a todos que indiretamente ou diretamente tenha me ajudado a chegar ao fim desta jornada, que só inicia.

A preparação das crianças e jovens para a participação ativa na vida social é o objetivo mais imediato da escola pública. Esse objetivo é atingido pela instrução e ensino, tarefas que caracterizavam o trabalho do professor. (LIBÂNEO, 1994, p. 33.).

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. MEMORIAL	13
3. EXPERIÊNCIAS E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE REGÊNCIA	15
3.1 OBSERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES	17
3.2 OS PRIMEIROS PASSOS	17
3.3 A REALIDADE: OBSERVAÇÕES	18
4. PLANEJAMENTO E DIFICULDADES	20
4.1 ETAPAS DO PLANO DE AULA	21
4.2 REGÊNCIA	22
APÊNDICE	27
ANEXOS.....	30

RESUMO

Em 2020, o mundo enfrentou a pandemia de COVID-19, que levou a Organização Mundial da Saúde a recomendar o isolamento social. Com o fechamento de ambientes públicos e a adoção de medidas restritivas, a maioria das prefeituras no Brasil acataram as medidas de isolamento. Assim, a educação foi severamente afetada, com escolas fechadas e a necessidade de migrar para o Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma solução temporária e improvisada. O trabalho aqui apresentado é referente a esse contexto. A partir de minha experiência como estagiária no Ensino Remoto Emergencial, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Castro Pinto, no 9º ano, e de outras experiências anteriores a essa condição, realizo aqui algumas reflexões referentes às realidades do ensino de História para os alunos e professores em um sistema emergencial à distância. O objetivo, portanto, é perceber os desafios e aprendizagens nesse processo, fazendo inclusive uma autoanálise de minhas práticas nessa experiência como futura professora de História.

Palavras Chaves: ERE; Estágio Supervisionado; Ensino de História

ABSTRACT

In 2020, the world faced the COVID-19 pandemic, which led the World Health Organization to recommend social isolation. With the closure of public environments and the adoption of restrictive measures, most municipalities in Brazil implemented this isolation. However, education was severely affected, with schools closed and the need to migrate to Emergency Remote Education (ERE), a temporary and improvised solution. The work presented here refers to this context. Based on my experience as a trainee in Emergency Remote Education, at the Castro Pinto State School of Elementary and Secondary Education, in the 9th grade, and other experiences prior to this condition, I offer some reflections on the realities of teaching History to students and teachers in an emergency distance system. The aim, therefore, is to understand the challenges and lessons learned in this process, including a self-analysis of my practices in this experience as a future history teacher.

Key words: ERE; Supervised Internship; History Teaching.

1. INTRODUÇÃO

A partir do ano de 2020, o mundo passou a vivenciar um momento delicado, enfrentamos uma pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 (COVID-19). Devido a essa situação em que pessoas se contaminavam e o índice de mortalidade aumentava consideravelmente a Organização Mundial da Saúde (OMS), decretou o isolamento social. As pessoas foram orientadas que deveriam ficar em seus lares. Além disso, os locais públicos foram fechados permanecendo apenas os serviços essenciais abertos, seguindo as medidas de segurança orientadas pela OMS. No Brasil, o Conselho Nacional da Saúde (CNS) posicionou-se que “Recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (lockdown), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingido níveis críticos.” (Conselho Nacional de Saúde, Recomendação nº036, 2020). Contudo ao final do mesmo ano, “quase a totalidade das prefeituras brasileiras adotaram o isolamento social em 2020”. (AGÊNCIA, IBGE NOTÍCIAS, 2021).

Nesse contexto, a educação brasileira sofreu mudanças devido a este isolamento, tendo em vista que as escolas precisaram fechar e todos os professores e alunos tiveram que se adaptar a essa nova realidade. Em busca de uma solução temporária, a educação do ensino básico brasileiro, que sempre fora presencial, agora passaria a ter um Ensino Remoto. O trabalho aqui apresentado é referente a esse contexto. A partir de minha experiência como estagiária no Ensino Remoto Emergencial, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Castro Pinto, no 9º ano, e de outras experiências anteriores a essa condição, realizo algumas reflexões referentes às realidades do ensino de História para os alunos e professores em um sistema emergencial à distância. Penso contribuir com uma análise necessária sobre os impactos sofridos pela Educação Básica no Brasil. O objetivo, portanto, é perceber os desafios e aprendizagens nesse processo, fazendo inclusive uma autoanálise de minhas práticas nessa experiência como futura professora de História.

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade remota de ensino on-line, que representa uma situação temporária do processo de ensino aprendizagem. (HODGES ETAL, 2020, apud MOTA E WATANABE, 2020). Por isso não foi algo planejado em nenhum sentido, e não havia estrutura para fazer de forma adequada. Segundo ARAÚJO, foi uma modalidade ineficaz:

pelas próprias limitações da educação que mostrou que não tem condições de sequer oferecer um ensino remoto eficaz, sobretudo para os alunos das classes trabalhadoras. Nós descobrimos, enquanto sociedade, que muita gente tem celular, mas não tem Internet. Às vezes têm um celular de boa qualidade e de última geração, porque ele é um instrumento de ostentação e de poder na sociedade, mas não têm Internet. Nesse contexto, o que nós estamos presenciando é uma solução tecnológica paliativa para manter os alunos conectados. (ARAÚJO, 2020, p. 232).

Assim, apesar da globalização e do avanço tecnológico, vimos que essa modalidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE) ainda era “falha”, pois, muitos estudantes não tiveram acesso à internet e isso impossibilitou que a educação chegasse a estes alunos de forma igualitária, e esse problema passou a ser discutido.

Apesar de todos os acontecimentos, sabemos que o processo do ensino e aprendizagem ocorre de formas diferentes. A função da educação é transformar sujeitos e mundo em algo melhor; o objetivo do ensino e aprendizagem é a formação do aluno. Mesmo com todas as dificuldades a escola tem por objetivo não somente fazer com que o aluno aprenda a ler e a escrever, e outros aprendizados, mas formar o aluno para o convívio social. Nesse ponto de vista é necessário que a prática pedagógica leve o aluno a refletir e alcançar uma nova visão do mundo, transformando-o em um cidadão com opiniões próprias. O ensino que deve ser realizado é o de despertar para a mudança. Mas como fazer isso, ainda mais no ERE?

Diante deste questionamento, o professor acaba sendo uma peça fundamental neste processo, o professor acaba tendo o papel de solucionar problemas, fazendo com que o aluno adquira/construa conhecimentos, fazendo assim um papel de mediador através da praxe da relação teoria e prática. Uma vez que o professor tem a oportunidade de estabelecer uma ligação entre o assunto a ser estudado e o conhecimento que o aluno já possui, criando uma ligação entre a sala de aula e seu dia a dia. Isso aponta também para a importância do Estágio Supervisionado como corrobora AMESTOY; POSSEBON:

O estágio curricular é, normalmente, o primeiro momento em que os estudantes dos cursos de Licenciatura se inserem no ambiente escolar. Nesse momento, não mais no papel de alunos, mas como professores. Essa transição entre a teoria adquirida na Universidade e a aplicação desses conhecimentos, acontece diante de um processo formativo, no qual os estudantes têm a possibilidade de analisar, investigar e interpretar a sua própria práxis. (AMESTOY; POSSEBON, 2016, p. 279)

O componente Estágio Supervisionado¹ tem uma grande importância para o graduando, pois possibilita experiências aos futuros profissionais, na busca de proposições para os desafios/problemas que a educação apresenta, em busca de uma melhor condição de ensino futuramente. E, no meu caso, eu tive as duas experiências, o PIBID² presencial, e o Estágio Remoto. Então este trabalho descreverá de forma analítica minha experiência enquanto estagiária do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, no período pandêmico. O desenvolvimento do relatório referente a essa experiência, trazendo questões que enfrentamos naquele período, como o ERE e seus desafios.

Nesse contexto pandêmico tudo se tornou mais complexo, mesmo para mim, que tive acesso e conhecimento dos novos recursos exigidos, e ainda mais para superar um ensino tradicional³. Porém diante de tudo podemos dizer que a modificação do ensino tradicional é uma barreira que necessitamos quebrar com urgência, devemos recriar o modelo do ensino. Temos que pensar na educação que queremos para o futuro. E assim surge um importante questionamento, como fazer isso em condições tão controversas? Será que eu, como estagiária do ensino de história, consegui contribuir para essa modificação? Será que, apesar de ter consciência da necessidade de um ensino transformador, dialógico e não tradicional, a minha experiência no ERE, me possibilitou essa abordagem tão sonhada? Tentei, mas não foi fácil.

Para realizar essa discussão e reflexões, além das leituras que embasaram meu estágio no ERE, como Marcos NAPOLITANO, com seu texto que analisa a chamada Primeira República sob uma perspectiva crítica, e Fernando SEFFNER que em seu texto, Teoria, Metodologia e Ensino de História, contribuem para uma tentativa de proposta didática não tradicional, AMESTOY; POSSEBON me fizeram perceber a importância do Estágio para nós graduandos de uma licenciatura. Outros autores me ajudaram a compreender as questões relativas ao Ensino Remoto Emergencial, como os textos de MOTTA e WATANABE, que apresentam uma reflexão sobre os impactos desse tipo de ensino nas escolas, e ARAÚJO, que discute as formas como as tecnologias chegam aos alunos e às escolas, e quais os seus limites.

Assim, conforme minhas leituras e experiências, esse trabalho foi elaborado tendo, além da Introdução, um pequeno memorial como aluna de História, e em seguida a minha experiência

¹ Disciplina obrigatória curricular em cursos de graduação, realizei o meu estágio no ano de 2020, tendo a Professora Dr^a Luciana Calissi como orientadora.

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira.

³ Modelo de Ensino onde visa a transmissão de conteúdos - e não construção de conhecimentos -, sendo o foco do processo centrado no professor.

de Estágio no ERE, o qual compreendeu um diálogo com a escola, as observações, o planejamento de aulas e a Regência dentro deste contexto de ERE. Por fim, as considerações acerca de todo esse processo.

2. MEMORIAL

O objetivo desse memorial é relatar um pouco do meu percurso, na disciplina de história, do Ensino Fundamental até o momento de minha formação na licenciatura de história.

Chamo-me Vanielly Pereira de Oliveira Castro, sou natural de João Pessoa – Paraíba, mas cresci na cidade de Jacaraú, interior do estado. Estudei minha vida toda em Escola pública. O período de Ensino Básico foi realizado em duas escolas: o Fundamental, na Escola Castro Pinto, e o Ensino Médio, na Escola Estadual Alzira Lisboa. Conclui essa primeira formação em 2016. Os Materiais que utilizei durante minha formação foram os livros didáticos fornecidos pelo governo, um ensino tradicionalista. Durante todo o Ensino Básico, estudei em escolas públicas, encontrei vários professores que me incentivaram a ingressar no ensino superior. Ainda indecisa, não sabia o que fazer, na época tinha algumas opções, entrar na área de humanas ou entrar para a área da saúde.

Cada professor que passou pela minha vida acadêmica foi fundamental para eu chegar até aqui. Tiveram aqueles que decepcionaram, pois não era perceptível contentamento ou prazer na sua atuação profissional, mesmo sendo essa profissão que um dia eles escolheram. Hoje, é possível compreender que na verdade, muitos tenham se desencantado com as condições precárias dessa profissão no Brasil. Em oposição a estes tinham aqueles que conseguiam encantar-me, pois se orgulhavam da sua profissão, e a estes eu tenho o prazer de dizer, eles que foram meus professores. Porque foram professores que incentivavam, buscavam sempre dar o seu melhor apesar de qualquer situação.

Quando cheguei ao Ensino Médio, no ano de 2014, no meu primeiro ano, fui estudar no turno da noite. O meu professor de História ele só sabia falar, falar e falar, sem instigar um olhar crítico sobre o que estudávamos. Lembro que, na última prova que ele passou, eu zerei, e isso nunca tinha acontecido antes, e a partir daí a História se tornou um mistério para mim. Nos outros anos, comecei a me dedicar a essa disciplina, e desde então, esse componente curricular se tornou especial na minha trajetória.

Hoje como licencianda, sei que o ensino de História teve por muito tempo, e ainda tem, um ensino Tradicional, que na maior parte das vezes não aproxima o/a estudante ao conhecimento da História, limitando o seu conhecimento. O problema dessa pedagogia

tradicional é a falta de interação entre o professor e o aluno, a falta de diálogo, e a distância entre o que se propõe a ensinar a partir do Currículo Prescrito⁴, e o que o aluno vive e conhece. É nesse sentido que se costuma dizer que a História é uma disciplina “decoreba”, e isso na verdade, pode ser muito diferente. Sobre isso, SEFNNER nos aponta que:

Aprendizagens significativas se alcançam a partir de um planejamento conectado com aquilo que os estudantes já sabem, partindo de seus esquemas de conhecimento, levando-os a explicitar suas hipóteses – verdadeiras, falsas ou incompletas – frente ao tema, e colocando isso em diálogo com conhecimentos de outras ordens (da História, de outras disciplinas, do senso comum popular, das informações presentes na mídia etc.). (SEFNNER 2000, p. 272).

Sabemos que na escola que os conteúdos são ensinados por nível de escolaridade, é um lugar onde crianças e adolescentes estão sendo formados para o presente/futuro e esse tipo de tradicionalismo não contribui para essa preparação, ao contrário, as crianças e os adolescentes podem perder o interesse pela escola, pois não vão se identificar com um método que não dialoga mais com o mundo atual, um mundo tecnológico, em que o acesso a diferentes espaços virtuais chamam mais a atenção, pois sabem produzir coisas com as quais eles se identificam. Mas que tipo de conteúdo eles acompanham? Essa é uma questão que não se pretende discutir aqui, mas que vale ressaltar.

No meu penúltimo ano do Ensino Médio, em 2015, fiz o PBVEST, o cursinho preparatório para o Enem; todo o sábado me deslocava da minha cidade, Jacaraú, para Mamanguape, por causa desse cursinho. Quase no fim do ano, surgiu outro cursinho preparatório, o da Universidade Federal da Paraíba, de Mamanguape, Campus IV. Como era na mesma cidade, onde eu morava, Jacaraú, me inscrevi e comecei esse curso. Digamos que, depois disso os caminhos se abriram. Prestei a prova do Enem, e mesmo que, a nota que tirei, não tenha sido aquilo que eu esperava, me vi pensando qual faculdade estudar. E então, inscrevi com minha nota para o curso de história e para minha grande surpresa, em uma das listas de espera estava ali o meu nome. Eu tinha passado para o curso de História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 2017.

Naquele momento, tive vários sentimentos, eu mesma não estava acreditando no que estava acontecendo. Hoje, o curso me ganhou de uma maneira que eu não sei explicar, foi a

⁴ Currículo Prescrito é o currículo proposto pelo MEC e que se encontra nos Livros Didáticos do PNLD Currículo editado). Vide: CAIMI, Flávia Heloísa; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a Escola. In: **DOSSIÊ** – Bases Nacionais e o Ensino de História embates, desafios e possibilidades na/entre a Educação Básica e a formação de professores. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.77041>. Acessado em setembro/24.

melhor decisão que poderia ter tomado, mesmo com as dificuldades que sinto. Essa experiência como aluna da licenciatura em História, me trouxe diversos desafios, principalmente nos anos de Estágio Supervisionado e no período pandêmico.

Desde meu Ensino Básico até aquele momento, como aluna de graduação, nunca tinha tido acesso, ou familiaridade com o ensino remoto e no ano de 2020, enfrentei um dos principais desafios de minha vida como estudante, tanto no curso como no Estágio Supervisionado. Adaptar-me a uma nova realidade de ensino foi desafiador, tive que ter um bom acesso à internet como também ter um bom equipamento para assistir e realizar o estágio, além de ter planejamento. Mas também, ter a crítica e a consciência de que esse tipo de ensino, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) tinha muitos limites, para mim, para todos os professores e estudantes das escolas públicas, principalmente. Observando essas condições, organizei e planejei meu Estágio Supervisionado Obrigatório.

3. EXPERIÊNCIAS E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE REGÊNCIA

Durante o mês de agosto de 2018 a janeiro de 2020, ou seja, antes do período pandêmico, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID. A minha experiência durante o PIBID, deu-se de forma presencial em escolas públicas da Rede Estadual do ensino. As escolas envolvidas nesse projeto eram localizadas nas cidades de Itapororoca, Guarabira e Araçagi. Infelizmente, devido às questões de transporte, só tive experiência nas escolas da cidade de **Itapororoca**, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Henrique de Almeida; e em e **Guarabira**, no Centro Educacional Osmar de Aquino.

Realizei as atividades desse Projeto com outras pessoas que faziam parte da equipe⁵. Sempre apresentando atividades que ajudassem a melhorar o ensino fugindo da Tradicionalidade. Sendo sempre orientada à partir do presente ao passado, fazendo com que os alunos encontrassem sentido nos conteúdos propostos. Durante o ano letivo nós do Programa PIBID, realizamos dois projetos. O primeiro foi o Projeto “Tempo e Memória”, que tivemos como objetivo trazer as concepções do tempo na memória. E o segundo foi “História e Memória”, tendo como objetivo trazer a distinção entre a memória e a história, apresentando um diálogo entre passado e presente.

As aulas foram bem aproveitadas, os alunos participavam e percebíamos que contribuimos para o aprendizado deles, além dessas atividades também terem contribuído para

⁵ Equipe: Elizangela Ramalho; Hudielly Pontes; Uilma Ramalho juntamente com o coordenador local, o professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

nossa formação acadêmica como licenciandos e futuros professores. O nosso objetivo principal era trazer uma nova concepção do ensino de história. Após perceber que para a maioria dos alunos, de todas as “matérias”, a disciplina de história era a que menos tinham interesse. O professor tinha um método tradicional e por este motivo queríamos trazer uma nova concepção à disciplina e como a história, pode ser divertida de estudar.

Na escola Henrique de Almeida, apenas observamos as atividades desenvolvidas pelo professor e as dependências da escola. Observamos por exemplo, como o professor trabalhava em sala de aula, como ele desenvolvia as atividades/avaliações. Em alguns momentos auxiliamos o professor em sala, além de ter dado algumas aulas. A primeira aula que observamos, foi sobre a Monarquia Romana. Nesta os alunos prestavam atenção e interagiam com o professor. Só que no decorrer dos dias, fomos percebendo as dificuldades em sala, o barulho do ventilador, que por vezes era necessário desligar para poder explicar o conteúdo. E principalmente que a teoria e a prática são divergentes e então percebemos que ser educador não é uma tarefa fácil.

No Centro Educacional Osmar de Aquino, participamos da reunião administrativa no início do ano letivo; uma reunião que acontecia para que o diretor e os professores fizessem uma retrospectiva sobre o ano anterior. Nesse momento, conhecemos as turmas do Fundamental II e observamos o professor em suas aulas e como os alunos interagiam nas aulas. De início, percebemos que os alunos só tinham acesso ao livro didático na sala de aula, e muitas vezes o professor regente pedia que os alunos copiassem determinados conteúdos no caderno.

Essa metodologia nos pareceu ineficaz, pois era uma ação que acabava demorando, gastando o tempo da aula com cópias, fazendo com que não tivesse tempo para explicar/desenvolver o conteúdo. Nos momentos que pudemos ministrar os conteúdos, chegamos à conclusão de que o melhor seria levar mapas mentais para minimizar o tempo de escrita, que optaríamos pela aula expositiva dialogada, tentando atrair os alunos a participarem da aula, partindo do presente ao passado.

A

importância da breve descrição dessa experiência serve para destacar o meu impacto e dificuldade em relação ao que enfrentei no Estágio remoto. Essa experiência do PIBID foi completamente diferente do que vivi durante o Estágio Supervisionado Obrigatório. A vivência pedagógica via Ensino Remoto Emergencial, me fez refletir sobre muitas coisas.

3.1 Observação e organização das atividades

No ano de 2020, cursei a disciplina de Estágio Supervisionado em História II, na cidade de Jacaraú, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Castro Pinto. Essa etapa dos Estágios deve se desenvolver em turmas do Ensino Fundamental II. Nessa escola só tinha uma turma do 9º ano, na qual o professor regente de História me recebeu. Inicialmente, as atividades eram presenciais, porém, a partir das mudanças causadas pela pandemia, medidas foram tomadas para a continuidade do ensino.

Como colocado anteriormente, as escolas adotaram o ERE. Desta maneira, para os alunos que possuíam internet, passaram a utilizar as ferramentas digitais - Whatsapp/ telegram/ Google meet - para estudar. Os professores mantinham contato com os alunos através do grupo de Whatsapp e telegram para enviar o link do Google meet para realizar a aula virtual. E no caso desta escola, não foi diferente. Conversei então com o professor regente, expliquei que estava no Estágio que era disciplina obrigatória do curso de licenciatura em História, e perguntei se ele aceitava que estagiasse na sua sala virtual. Diante disso, foi falado com a diretora da escola que permitiu tranquilamente.

3.2 Os Primeiros Passos

Tive uma reunião virtual com o professor, onde ele falou que era novo com a turma e que a turma era pequena, tinha alguns alunos que participavam e que as aulas eram gravadas. E, como já mencionado, ele também adotou o grupo no telegram e no Whatsapp, mas que estava migrando o grupo do whatsapp para o telegram. Foram tratadas, algumas questões sobre os assuntos que já havia ministrado - até Primeira Guerra Mundial - e na sequência seria a Revolução Russa. Ele falou que me deixaria livre para trabalhar com a turma do meu modo, dando “carta branca”.

Nesse caso, as aulas aconteciam toda sexta-feira na parte da manhã, das 9 horas às 10 horas, sendo uma hora aula por semana. Já os alunos que não tinham acesso à internet, os pais iam à escola toda semana pegar atividades impressas para os alunos fazerem em casa. A partir deste modelo emergencial, vimos o impacto na educação causado pela pandemia. É notável que na sociedade em que vivemos nos deparamos muito com situações de desigualdade social e é por esse motivo que hoje em dia a educação não é igualitária.

Depois dessa reunião, pude ter acesso ao planejamento das aulas do professor para me inteirar dos assuntos que seriam dados à turma durante o ano letivo. O professor iria discutir

os assuntos Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa – Europa no início do século XX -, e depois, sob a perspectiva da História Integrada⁶, ministraria conteúdos sobre o Brasil do mesmo período. A partir daí, o tema escolhido foi o mesmo que estava estudando na universidade; a Primeira República (1889 – 1930).

A escolha desse tema, Primeira República no Brasil, teve por objetivo, primeiro, integrar o Brasil e o mundo ocidental, como estratégia de análise, mas principalmente, que os alunos pudessem compreender o Brasil a partir das práticas oligárquicas estabelecidas durante esse período republicano, e reconhecessem algumas práticas políticas dessa República atualmente. Partindo deste ponto, utilizando o livro didático como base - porque o livro didático era o único material que os alunos tinham acesso – e assim a aula foi desenvolvida. O livro didático em questão possuía dois capítulos sobre a Primeira República brasileira, e a partir disso, foram feitas escolhas para atender aos objetivos propostos e assim, o plano de aulas foi elaborado.

3.3 A Realidade: observações

Infelizmente, como tudo estava ainda se adaptando com a realidade pandêmica nas escolas, tive apenas duas oportunidades para estar com a turma antes de ministrar minha aula. O primeiro contato foi no dia 30/04, neste dia o professor me apresentou à turma, como estagiária, e comunicou que eu estaria com eles em algumas aulas. Explicou também que, em outro momento, eu ministraria uma aula sob sua supervisão. O segundo momento, foi na semana seguinte, no dia 07/05, quando neste dia o professor deu continuidade ao assunto que estavam estudando, Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917. E pelas minhas observações, pude perceber ainda mais o impacto na educação por conta do covid-19. A turma presente na sala virtual, era pequena, com aproximadamente 15 alunos, mas ainda havia outros estudantes que não tinham como assistir às aulas online. Esse aspecto, já me fez pensar como essa situação prejudicaria tantos discentes pelo Brasil, principalmente nas escolas públicas, sempre mais penalizadas. Nesse contato com a turma percebi que, além de ser uma turma pequena, os alunos tiveram dificuldades em se adaptar, pois estavam, inicialmente, pouco participativos, e acredito que com a minha presença, eles ficaram ainda mais tímidos. Além disso, poucos ou nenhum abriam as suas câmaras, o que indicava também, a dificuldade de participação e interação.

⁶ A história integrada parte de uma concepção processual da história que pressupõe a conjunção de múltiplas temporalidades para compor a explicação histórica, tratando por exemplo, de Brasil e Europa no mesmo período cronológico, fazendo associações e contextualizações. Há vários livros didáticos escritos nessa perspectiva.

Diante dessa vivência, do presencial ao virtual, devido à pandemia, pude perceber diferenças entre as duas modalidades de ensino. Uma delas foi o tempo da aula virtual, que se tornava insuficiente, enquanto na sala de aula presencial, apesar da aula ser de 45 minutos, o professor de história tinha quatro aulas por semana para cada turma, e agora neste modo online se limita apenas por 1 hora aula por semana. Assim, um assunto/tema, poderia ser ministrado em três aulas, e o que percebi é que isso também era um fator prejudicial, que de certo modo prejudicava o andamento dos conteúdos. Além disso, essa hora de aula era ainda menor. Veja, no caso, às 09h00 o professor enviava o link do Google meet e os alunos entravam para assistir a aula. Até que os alunos entrassem, e o professor iniciasse a sua aula, demorava cerca de 10 minutos, pois os alunos estavam saindo de outra aula. Quando todos, ou uma quantidade razoável entrava na sala virtual, o professor iniciava sua aula.

Outra questão se refere às possibilidades metodológicas da aula virtual.

Descreve que a situação de afastamento social imposto favoreceu a transposição de metodologias e práticas pedagógicas em sua totalidade nas disciplinas teórica e a maioria das teórico-práticas que passaram a ser ministradas remotamente a partir de ferramentas digitais de aprendizagem como AVA, google meet e outros modelos digitais didáticos. Porém, para isso acontecer os docentes teriam que ter domínio ao utilizar as ferramentas antes de aplicá-las como finalidades educacionais, pois não há ensino sem o professor, já que são eles que estão diretamente envolvidos com esse processo. (VALENTE,2020, Apud MOTA e WATANABE, 2020)

Em relação ao professor regente, percebi também essa dificuldade. Suas aulas apresentavam uma metodologia mais expositiva, aparentemente tradicional, em que, apesar das ferramentas digitais, utilizando inclusive, slides nas aulas, não era possível uma aula diferenciada. Isso pode se dar por diversos motivos, mas fica um questionamento: será que ele já tinha essa metodologia mais tradicional, ou foram os recursos e a situação do ERE, e as dificuldades de lidar com novos recursos, que também contribuíram para que ele adotasse essa estratégia nas aulas virtuais?

Apesar de toda dificuldade, na sala presencial temos um tempo razoável, se pode trabalhar com diversas maneiras e geralmente fazer uma aula de campo, fazer projeto na escola. No modo online, nos limitamos apenas ao notebook/celular, além das dificuldades que os alunos têm de dialogar, de permanecerem com as câmeras ligadas, mesmo que o professor se apresente e peça para que liguem. Acredito que naquela situação, as aulas acabam desmotivando o aluno. Além disso, há um agravante, nas aulas online, pois os alunos têm menos responsabilidade, por estar em casa, e é fácil de perder o foco. Em casa sempre haverá algum barulho, do vizinho, do carro de som na rua ou do irmão mais novo do aluno. Outra

questão muito importante é sobre conhecer os alunos de cada sala de aula virtual. O professor regente de meu estágio, por exemplo, não conhecia a turma anteriormente. E nessa situação acima caracterizada, fica evidente a dificuldade de se aproximar, conhecer, viver com as pessoas de cada turma. Sabemos que cada sala de aula é diferente uma da outra, para cada grupo de estudantes pode ser utilizado um método diferente. Um plano de aula para o nono ano, por exemplo, será trabalhado de várias formas de acordo com as turmas a, b, c; as turmas têm suas características particulares. Haverá os alunos mais participativos, mais quietos e os mais bagunceiros. O contato presencial nos permite fazer melhores diagnósticos, ou, conhecer melhor os alunos de cada turma, o que influencia o tipo de aula que devemos ministrar, encarando as dificuldades, precisando utilizar certas metodologias, diferentes artimanhas na sala de aula. Assim, ter o domínio sobre as ferramentas virtuais é importante, como nos colocou Valente, mas esse domínio não é o suficiente.

De qualquer forma, para nós graduandos, perto de se formar, toda experiência é válida. No meu caso, a Residência Pedagógica e o Estágio Supervisionado, possibilitaram vivenciar o que é uma sala de aula presencial e uma sala de aula virtual. São modos diferentes, situações distintas que nos trazem desafios constantes. O estágio possibilita esta aproximação da realidade e nos possibilita investigar e analisar a realidade educacional para fora de quatro paredes. Além de perceber que o maior desafio do professor é na prática.

4. PLANEJAMENTO E DIFICULDADES

As aulas a serem ministradas estavam previstas para os dias 14, 21 e 28 de maio de 2020. Mas deixo claro, que a regência não foi seguida como planejado por questões administrativas. Ocorreu que no dia 14/05 os alunos não teriam aula, pois a escola iria aplicar um simulado, e na semana seguinte, no dia 21/05, houve o Conselho de Classe e dispensaram dos alunos. Diante disso, tive apenas um dia para ministrar minha aula, embora meu planejamento tivesse sido elaborado para os três dias previstos.

Durante o percurso de ensino na universidade, tive percepções diferentes a respeito do ensino de história. Buscando formar professores que ampliem possibilidades e fujam do ensino tradicional, o uso de recursos torna-se cada dia mais necessário dentro das salas de aulas para atrair a atenção dos alunos e torná-los protagonistas do ensino. No âmbito universitário aprofundamos discussões sobre o papel do ensino de história como ferramenta para promover o pensamento crítico dos alunos. E nessa perspectiva que ao planejar as aulas é necessário olhar para os conhecimentos que os alunos têm e construir saberes. É a partir

desta perspectiva que tentei trazer para sala de aula, o que aprendi na universidade. Autores como Marcos Napolitano que traz uma visão crítica da história republicana brasileira, uma abordagem política, cultural e social. E como Fernando Seffner que destaca os desafios e possibilidades de ensino, propondo reflexões sobre como a teoria e as metodologias historiográficas dialogam com o ensino em especial no âmbito escolar.

4.1 Etapas do plano de aula

Escolha do tema: a primeira etapa foi bastante tranquila. Como coloquei anteriormente, a escolha do tema - Brasil Primeira República - foi proposta pelo professor regente na história integrada, e também pelos meus estudos na disciplina de História do Brasil, no curso de História. Após a escolha do tema foi pensado nos objetivos que queria que os alunos aprendessem. Diante disso escolhi trabalhar as questões políticas, pois, acredito que todos devem conhecer sobre a política, uma vez que consciente ou inconscientemente, atuamos politicamente na sociedade. Assim, o principal objetivo proposto é à compreensão dos alunos, de que forma e qual tipo de República se instalou no Brasil, identificando a continuidade desse processo político na atualidade. Trouxe o texto de Marcos Napolitano, para ajudar e complementar a aula.

Segunda etapa: Em seguida, com o tema e os objetivos definidos, selecionei os assuntos que seriam desenvolvidos na aula. Nessa etapa, utilizei o livro didático como base, pois era o material que os alunos tinham acesso. No livro didático de Alfredo Junior Boulos, tinha dois capítulos de conteúdos sobre a primeira república e para conseguir atingir meu objetivo precisei fazer recortes. Até então, a aula seria online e o tempo era curto. Pensando nisso, planejei abordar o processo que levou a Proclamação da República; as características da República; as oligarquias no poder; a política dos governadores; a política do café com leite ou café com política?

Terceira etapa: Depois dos conteúdos, chegou o momento de pensar qual a metodologia e quais os recursos utilizaria para ministrar a aula. Foi nesse momento que, os questionamentos colocados anteriormente sobre a possibilidade de uma aula virtual não tradicional, serviu para a minha autocrítica. Cheguei à conclusão de que faria uma aula em que iria utilizar como recurso didático, o slide, o livro didático, algumas imagens como Charges e bandeiras, como estímulos para um diálogo. Utilizaria uma metodologia ativa em ensino de pares e pensei também em avaliar os alunos de uma forma processual, observando o desempenho e as reflexões que os estudantes pudessem compartilhar.

Planejamento feito, mas precisou ser totalmente alterado. Como já dito anteriormente, não pude ministrar todas as aulas, ao contrário, só foi possível ministrar uma aula. Nessas circunstâncias, escolhi ministrar essa aula falando apenas sobre o processo que levou a República. Assim, busquei contextualizar o final do século XIX a partir do final do sistema imperial brasileiro, até a Proclamação da República pelo golpe de Marechal Deodoro da Fonseca. Infelizmente, não foi possível fazer a integração desejada entre o Brasil e o mundo ocidental das primeiras décadas do século XX.

4.2 Regência

Após cumprimentar a todos iniciei a aula falando do tema da aula “O processo que levou a República”. Em seguida, perguntei se eles (os alunos) poderiam explicar o que compreendiam por República, mas não obtive resposta, então, dei continuidade respondendo à pergunta. Na sequência, mostrei as bandeiras do Império e da República, perguntando aos alunos se eles conhecem as bandeiras, se sabem o que as bandeiras representam e se percebiam as semelhanças e diferenças entre elas. O objetivo era estimular os conhecimentos prévios sobre a política brasileira. Mais uma vez não obtive respostas sobre as perguntas que fiz. Nesse momento percebi o que questioneei anteriormente; como a ERE dificultava desenvolver outras estratégias para participação – afinal nem sequer os alunos se apresentavam, ficavam por trás das fotos, pois não eram obrigados a ligar a câmera - assim, dei continuidade a uma aula expositiva, iniciando pelo Segundo Reinado (D. Pedro II).

Iniciei falando sobre o ano de 1840 onde o Brasil era governado pelo Imperador Dom Pedro II, e que as ideias republicanas não eram algo novo, essa ideia vinha muito antes da independência do Brasil. Além do Brasil ter sido palco de vários conflitos republicanos. Como por exemplo, A Conjuração Baiana (1798); A Revolução Pernambucana (1817) que foram as revoluções antes da Independência. Houve ainda os conflitos que surgiram durante o Império, como a Confederação do Equador (1824); A Sabinada (1837-1838); A Cabanagem (1835-1840); A Revolução Farroupilha (1835-1845) que aconteceu pelo Rio Grande do Sul e a Revolução Praieira (1848). Esses movimentos interpretavam o regime republicano de formas diferentes. A monarquia conseguia reprimir os movimentos devido à exportação de café, que fazia com que o Brasil tivesse recursos necessários para reprimir esses movimentos.

Posteriormente foi abordada a Guerra do Paraguai, ocorrida em 1870, onde a ideia republicana foi ganhando força entre alguns setores da elite. Nesse momento abordei a crise do Império e os fatores que levaram a sua crise. Mais uma vez, buscando a interação com os

alunos, propus a charge⁷ (Anexo 1) para incentivar a análise do período. No caso, essa charge foi para explicar um dos fatores que contribuíram para a queda da monarquia, a Questão Religiosa. Mostrei aos alunos e busquei trazer uma reflexão sobre o conflito entre a Igreja e o Estado Monárquico. E depois questionei quais os elementos da imagem? Qual a relação entre o imperador e a igreja representada na charge? Nesse momento consegui uma singela participação dos alunos, quando identificaram elementos interessantes da imagem, como a coroa e os gestos ali apresentados que mostravam algum conflito entre eles.

A partir daí expliquei a referida Questão Religiosa, e perguntei aos alunos sobre o que achavam sobre a relação entre a Igreja e o Estado. Mas não obtive o retorno esperado. Dei continuidade falando sobre outros fatores que contribuíram para a queda da monarquia, finalizando com a derradeira Questão Militar, explicando toda a problemática e conflito do Exército com o Imperador, que foi decisivo para o fim da monarquia. Os militares descontentes passaram a aderir às ideias republicanas. No dia 15 de novembro de 1889, comandando centenas de soldados, Deodoro da Fonseca pretendia apenas derrubar o chefe de gabinete, Visconde de Ouro Preto. O golpe que seria mais tarde foi adiantado. No dia 14, houve um boato que o governo iria prender Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca.

À Proclamação da República, nova constituinte e nova bandeira com o lema positivista “ordem e progresso”, impresso nela. Nesse momento retomei a questão inicial sobre as bandeiras e seus significados, discutindo a questão político filosófica daquele momento, a linha positivista, pois, alguns militares e Benjamin Constant seguiam este pensamento. E perguntei o que achavam desse lema. Mais uma vez não obtive resposta, mas tentei ainda, fazer com que pensassem o presente, o Brasil atual, a partir dessa discussão e de uma característica interessante desse processo.

Uma questão interessante que trouxe para os alunos refletir foi que o povo brasileiro não teve participação ativa durante este processo de transição para a república em 1889. O autor diz que o movimento foi conduzido pela elite militar e pelo setor civil, sem envolver o povo de forma significativa no processo. Assim, tendo uma república com pouca legitimidade popular.

Essa descrição destaca alguns momentos da aula, com o objetivo de apresentar algumas dificuldades encontradas no sistema de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Fica evidente, a dificuldade de participação dos alunos e de uma aula mais dialogada, que se relaciona com as limitações para promover uma aula mais dinâmica. Não foi possível

⁷ Charge que foi publicada em 1875 pelo jornal “O Mosquito” e procurava criticar a QUESTÃO RELIGIOSA

desenvolver uma proposta dialógica e muito diferente de uma aula expositiva. Assim, na prática, não foi possível fazer dos recursos didáticos, estratégias dialógicas.

O ensino emergencial à distância, representou uma situação temporária e rápida no processo de ensino aprendizagem e tantos alunos como professores não tiveram tempo suficiente para aprender a manusear esse modelo de ensino. Embora temporário, deixou algumas sequelas permanentes. Fiquei a pensar nos alunos que nem sequer estiveram presentes nas aulas virtuais, nos alunos que não se adaptaram ao virtual, enfim, a pensar o quanto todos os envolvidos nessa situação saíram prejudicados.

Os docentes teriam que ser estimulados a desenvolver competências digitais, dominar ferramentas e instrumentos tecnológicos de ensino, conhecer e desenvolver novos processos de avaliação além de serem auxiliado na reestruturação das aulas práticas e de laboratório BERNADES EL AL, 2020 apud MOTA E WATANABE, 2020. E mesmo assim, ainda ficaria faltando o convívio, a troca, a possibilidade de acesso, entre fatores atrelados a interação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos concluir que ser educador não é uma tarefa fácil, requer conhecimentos teóricos, estratégias pedagógicas e o principal de tudo, ter o amor pelo que faz. Um professor passa por situações que até o desmotiva a continuar, mas porque parar se sabe que a vida não é tão fácil, como imaginamos? Desta forma, o estágio possibilita que os graduandos em licenciatura conheçam e percebam, que nem tudo são flores. E que a teoria é diferente da prática, deparando com situações que vão além do nosso imaginário, principalmente considerando o que a escola teve que passar, devido à pandemia. E nesse novo modelo de ministrar aula, o ensino remoto, foi desafiador para todos os alunos, professores e diretores, e tudo resultou em outro desafio maior, que é como superar as consequências disso tudo.

As dificuldades enfrentadas durante o ERE foram as desigualdades de acesso à internet entre os alunos, a formação dos professores, muitos que não tinham preparação para utilizar os recursos digitais necessários para as aulas remotas, a falta de interação dos alunos, a sobrecarga que o professores e alunos obtiveram, o modo avaliativo e monitoramento da aprendizagem do aluno. O ERE foi um processo desafiador, porque todos tiveram que lidar com novas ferramentas e mudanças na dinâmica de ensino. Professores passaram a usar a tecnologia e as ferramentas digitais, precisaram reformular as estratégias de ensino, pois nas aulas presenciais já era difícil manter a atenção e interação dos alunos, no ambiente virtual era mais difícil manter

este contato. Os alunos precisaram criar novas rotinas de estudos, manter a concentração e foco, dominar as ferramentas digitais e plataformas usadas, além de controlar a ansiedade pelo isolamento social.

A dificuldade de avaliar o aprendizado dos alunos no ERE foi um desafio significativo, especialmente sem interação direta, pois as formas tradicionais de verificação, como as provas presenciais, atividades em grupo e observação do engajamento durante a aula, ficaram prejudicadas. Não se pode concluir que os alunos tiveram uma aprendizagem eficaz durante a pandemia. O cronograma de aulas adaptadas para essa nova modalidade, tradicionalmente duas aulas por semana agora uma hora aula. Todas essas questões deixaram evidentes na minha experiência, o choque entre o presencial (PIBID) quando foram desenvolvidos projetos e metodologias alternativas e o virtual (ERE), momento de dificuldades e frustrações. Diante dessas duas realidades foi possível concluir o registro de uma reflexão sobre a difícil relação entre teoria e prática no ensino de História.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Lino de. Entrevista: os desafios do Ensino Remoto na Educação Básica. In: **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 1, 2020.
- BOULOS, Júnior, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais/ Alfredo Boulos Júnior**, - 4. Ed. – São Paulo: FTD, 2018.
- CRELIER, Cristiane. **Quase totalidade das prefeituras brasileiras adotaram o isolamento social em 2020**. Agência IBGE Notícias, 10/11/2021 (acesso em setembro de 2024)
- “Educação Básica”. *Aula Paraná*, http://www.aulaparana.pr.gov.br/educacao_basica. Acessado três de maio de 2021.h
- GRINER, Priscila. **Educação a distância: o que é e quais seus desafios no Ensino Superior e no Ensino Básico? CASA ESCOLA**. Disponível em: <https://blog.casaescola.com.br/educacao-a-distancia/>. Acesso em: 22 mai. 2021.
- HISTÓRIA POR IMAGEM. **AS "PALMADAS" QUE D. PEDRO II LEVOU**. Disponível em: historiaporimagem.blogspot.com/2011/05/as-palmadas-que-d-pedro-ii-levou.html. Acesso em: 23 mai. 2021.
- MOTA, Michelle Katiuscia Melo; WATANABE, Elaine Aparecida Takamatsu. **ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E OS DESAFIOS PARA DOCÊNCIA**. Revista Valore, Volta Redonda, 5 (edição especial), p. 39-47, 2020
- NAPOLITANO, Marcos. **Da República da Espada ao Condomínio dos Fazendeiros: a consolidação da ordem republicana**. In: NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 218, p. 13 – 39
- OLIVEIRA, vanielly. **Relatório de Estágio I**, f. 17. Trabalho de Disciplina (História) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.
- OLIVEIRA, vanielly. **EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO PIBID**, f. 17 (História) - Universidade Estadual da Paraíba.
- PIGATTO, Fernando Zasso. **CONSELHO NACIONAL DE SAUDE. RECOMENDAÇÃO Nº036**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/recomendacoes/2020/recomendacao-no-036.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.
- SEFFNER, Fernando. **Teoria, Metodologia e Ensino de História**. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Celia Lima. (org.). **Questões da Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

APÊNDICE

Plano de aula – 1⁸

Componente Curricular: História

Ano/série: 9º ano – (Ensino Fundamental – Anos Finais)

Duração: quatro (4) aulas

Docente: Vanielly Oliveira

A Primeira República (1889 – 1930)

Objetivo

- Reconhecer as alterações políticas com a instalação da República
- Compreender as práticas oligárquicas durante a República
- Reconhecer algumas práticas políticas da república atualmente

Conteúdo

- O processo que levou a Proclamação da República
- Características da República
- Oligarquias no poder
- Política dos governadores
- Política do café com leite ou café com política?
- O fim da República

Metodologias

Metodologia ativa aplicada no ensino por pares.

Recursos Didáticos

- Livro didático
- Slide
- Imagens – Charge e bandeiras

Avaliação

A avaliação participativa nas discussões e pelas reflexões compartilhadas pelos alunos.

Referencias

BOULOS, Júnior, Alfredo. **História sociedade & cidadania:** 9º ano: ensino fundamental: anos finais/ Alfredo Boulos Júnior, - 4. Ed. – São Paulo: FTD, 2018.

“Educação Básica”. *Aula Paraná*, http://www.aulaparana.pr.gov.br/educacao_basica. Acessado três de maio de 2021.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

⁸ Esse primeiro planejamento foi feito pensando 4 encontros com a turma, porém, não foi todo desenvolvido.

NAPOLITANO, Marcos. **Da República da Espada ao Condomínio dos Fazendeiros: a consolidação da ordem republicana.** In: NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 218, p. 13 – 39

Plano de aula – 2⁹

Componente Curricular: História

Ano/serie: 9º ano – (Ensino Fundamental – Anos Finais)

Duração: uma (01) aula

Docente: Vanielly Oliveira

O Processo que Levou a República

Objetivo:

- Compreender os caminhos que levaram a Proclamação da República, a partir de questionamentos críticos sobre a forma como ela se deu no Brasil

Conteúdo

- O Começo do Declínio do Império
- A Questão Religiosa
- A Questão Militar
- A Proclamação da República

Metodologia

Metodologia ativa aplicada no ensino por pares.

Recursos Didáticos

- Livro didático
- Slide
- Imagens: charge e bandeiras

Avaliação

A avaliação participativa nas discussões e pelas reflexões compartilhadas pelos alunos.

Referencias

BOULOS, Júnior, Alfredo. **História sociedade & cidadania:** 9º ano: ensino fundamental: anos finais/ Alfredo Boulos Júnior, - 4. Ed. – São Paulo: FTD, 2018.

“Educação Básica”. *Aula Paraná*, http://www.aulaparana.pr.gov.br/educacao_basica. Acessado três de maio de 2021.

⁹ Esse foi o planejamento possível diante dos imprevistos indicados no texto. Planejamento para apenas uma aula.

HISTÓRIA POR IMAGEM. **AS "PALMADAS" QUE D. PEDRO II LEVOU**. Disponível em: historiaporimagem.blogspot.com/2011/05/as-palmadas-que-d-pedro-ii-levou.html. Acesso em: 23 mai. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **Da República da Espada ao Condomínio dos Fazendeiros: a consolidação da ordem republicana**. In: NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 218, p. 13 – 39

ANEXOS



ANEXO 1 - charge feita pelo cartunista Rafael Pinheiro, publicada na Revista Mosquito no ano de 1875. Disponível > <http://historiaporimagem.blogspot.com/2011/05/as-palmadas-que-d-pedro-ii-levou.html>



ANEXO 2 - <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/conheca-a-origem-da-bandeira-do-brasil>